

## O LIVRO SAGRADO DA ORALIDADE NA VOZ DE UM CURANDEIRO AFRICANO: LITERATURA E RESISTÊNCIA\*



Robert Daibert Jr\*\*

*Resumo:* O artigo tem como objetivo analisar a narrativa do curandeiro africano Rasta Samuel Pita registrada no livro “Por quem vibram os tambores do além?”, em parceria com a escritora moçambicana Paulina Chiziane. Em um primeiro momento, apresenta-se sua visão a respeito das principais características da tradição religiosa africana, com destaque para sua hierarquia espiritual, cantos, orações, mitos, ritos e revelações. Em seguida, busca-se relacionar tais elementos da narrativa do curandeiro ao seu esforço de denúncia dos males do colonialismo que ainda persistem na sociedade contemporânea em Moçambique como o racismo religioso, a intolerância religiosa, o preconceito, a destruição da natureza e a perda da identidade cultural. Por fim, interpreta-se a narrativa do curandeiro como expressão de resistência religiosa e literária ao processo de degradação de sua tradição religiosa, por meio de uma releitura do livro sagrado da oralidade africana, com base na esperança profética de transformação do mundo.

*Palavras-chave:* Tradição religiosa africana. Colonialismo. Resistência.

**A**s religiões africanas têm despertado o interesse crescente de pesquisadoras e pesquisadores no Brasil e em outros países fora da África. Muitas vezes, o avanço das investigações a respeito do tema esbarra nas dificuldades de acesso à coleta de dados. A realização de trabalhos empíricos de observação do campo enfrenta desde obstáculos logísticos até os limites que envolvem questões de segredo em torno de muitos rituais, não acessíveis a um público externo e não iniciado. Por outro lado, a escolha pela transmissão oral dos saberes religiosos pelos africanos, em detrimento da escrita, dificulta também o acesso aos fundamentos das tradições ancestrais no continente. Diferente das tradições judaicas, cristãs ou do islã, não

\* Recebido em: 30.01.2023. Aceito em: 12.04.2023.

\*\* Doutor em História (UFRJ). Mestre em História (Unicamp). Graduado em História (UFJF). Professor nos Programas de Pós-Graduação em História e em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. *E-mail:* robertdaibert@uol.com.br

há nas tradições africanas um livro sagrado escrito. Historicamente, prevaleceram registros indiretos, sobretudo narrativas de missionários cristãos que atuaram em territórios africanos e produziram importantes documentos, ainda hoje utilizados em pesquisas.

Nesse cenário, infelizmente, os registros diretos ainda são pouco acessíveis, ou seja, os pesquisadores estrangeiros ao fenômeno religioso africano têm dificuldade de encontrar relatos produzidos pelos próprios sujeitos religiosos do continente. Essa situação é ainda agravada pelo fato de que, após séculos de invasão e exploração europeia na África, o número de adeptos das tradições ancestrais africanas caiu drasticamente, sendo reduzido hoje a uma minoria religiosa cercada por preconceitos, perseguições e hostilidades, vindos de adeptos de outras tradições. Por tudo isso, esse artigo traz uma contribuição significativa ao estudo das religiões africanas, ao tomar como objeto a narrativa de um curandeiro moçambicano e o modo pelo qual ele interpreta e apresenta sua tradição religiosa, relacionando-a à resistência aos males do colonialismo europeu em seu continente. Esse estudo, portanto, justifica-se por ajudar a cobrir uma lacuna importante nos estudos de religião no Brasil que, com honrosas exceções, pouco têm se ocupado de pesquisas em torno das tradições ancestrais dentro do próprio continente africano.

Nesse sentido, esse artigo tem como objeto de análise o relato do curandeiro africano Rasta Samuel Pita registrado no livro *Por quem vibram os tambores do além?*, em parceria com a escritora moçambicana Paulina Chiziane. Inicialmente, serão apresentadas a percepção do curandeiro a respeito dos elementos que constituem sua própria tradição religiosa, com destaque para a hierarquia espiritual, cantos, orações, mitos, ritos e revelações. Em um segundo momento, tais elementos serão relacionados como parte constituinte da experiência religiosa<sup>1</sup> de resistência do curandeiro aos males herdados do colonialismo e que ainda persistem na sociedade contemporânea em Moçambique, mesmo após sua independência, no contexto de degradação das tradições religiosas africanas, como: o racismo religioso, a intolerância religiosa, o preconceito, a destruição da natureza e a perda da identidade cultural. O artigo interpreta, por fim, a narrativa de Pita, por um lado, como expressão de resistência religiosa e literária ao processo de degradação de sua tradição religiosa e, por outro, como manifestação de uma esperança profética de transformação do mundo, a partir de uma leitura do livro sagrado da oralidade africana, como base para transformação e descolonização da sociedade e construção de um mundo sem desigualdades, racismo religioso, mais justo e tolerante.

---

1 A experiência religiosa é um fenômeno que possibilita a plausibilidade do sentido, por ordenar a realidade e proteger o homem contra o caos e a anomia (BERGER, 1985, p.40). No caso de Samuel Pita, sua experiência religiosa serviu-lhe tanto como escudo de proteção contra o esfacelamento de sua cultura ancestral quanto como construtora de sentido na reafirmação de sua identidade africana e ordenamento de seu mundo, conforme os preceitos ancestrais de seu continente, em oposição, enfrentamento e resistência aos efeitos do colonialismo europeu em seu território.

A expressão “livro sagrado da oralidade africana” será adotada como uma forma de destacar a importância da oralidade nas tradições ancestrais africanas, equiparando-a ao papel central desempenhado pelos livros sagrados escritos no Islã, no Judaísmo e no Cristianismo. A inspiração para essa analogia vem do pensador africano Hampâté-Bâ, ao dizer que a morte de um ancião na África, guardião das tradições orais, representa a queima de uma biblioteca (HAMPATÉ-BÂ, 2010). Em termos conceituais, serão tomadas como inspiração as definições de livro sagrado apresentadas por Vasconcelos (2022, p. 616-625). Esse autor, baseando-se nos estudos de Assmann (2008), define um livro sagrado como uma manifestação linguística que estabelece proximidade com o sagrado e é sustentado pela crença de que sua constituição é fundada em uma inspiração transcendente ou divina, o que lhe garante reverência, inviolabilidade, poder e autoridade em dimensões variadas como culto, doutrina e comportamento (VASCONCELOS, 2022).

Ainda de acordo com Vasconcelos (2022, p. 616),

*Em sua forma oral, mas principalmente em sua expressão escrita e editada, o texto [do livro sagrado] é visto como fechado e fixo; a ele, em princípio, nada se lhe deve adicionar ou subtrair, pois contém tudo de importante; ao fim e ao cabo, ele pretende apontar para o estrutural e o decisivo da existência.*

Assim, embora não seja seu foco principal, em um sentido amplo, o conceito de livro sagrado pode abarcar também os textos sagrados transmitidos oralmente. O autor registra a existência de conjuntos textuais que dependem exclusivamente da transmissão oral e são tomados como sagrados, “eventualmente ocupando lugares e cumprindo funções similares àqueles identificados quanto às escrituras” (VASCONCELOS, 2022, p. 616). Nesse sentido, no âmbito deste artigo, a noção de ‘livro sagrado da oralidade africana’ será adotada como uma narrativa que, de modo similar às escrituras textuais sagradas de outras tradições, reivindica para si o poder e autoridade fundados em uma inspiração de origem divina, capaz de construir sentidos existenciais, orientar comportamentos e estabelecer significados religiosos.

A oralidade será trabalhada no artigo, a partir das proposições do pensador africano Hampâté-Bâ (2010), como base de coesão social do seu continente e, portanto, fonte legítima por excelência para o conhecimento da África e de suas tradições ancestrais. Segundo o autor, em termos de procedimentos metodológicos, à oralidade deve ser conferida a mesma confiança destinada aos registros escritos em outras sociedades. Nesse sentido, neste artigo, a narrativa do curandeiro Pita será tratada como um testemunho que possibilita, por meio de uma análise textual qualitativa, o acesso a um processo de interação recíproca entre o seu universo religioso ancestral e as dinâmicas sócio históricas da sociedade moçambicana contemporânea.

A interpretação da narrativa do curandeiro Pita será inspirada nas reflexões de Mbembe (2013) a respeito das diferentes formas de releitura da religião ancestral nas sociedades africanas pós-coloniais, como expressões de resistência ao

colonialismo e às suas sobrevivências. Nesse sentido, o texto literário apresentado em *Por quem vibram os tambores do além?* (2013) será tomado como uma expressão de resistência, tratada pelo autor entre as diversas manifestações de multiplicação de narrativas que buscam reler o passado colonial de modo a desestabilizar o discurso hegemônico e colonizador de uma história única.

## O ENCONTRO COM O SAGRADO

“- Não tenhas medo, estás em segurança. Sou o teu mestre a partir de hoje. Não conhecerás nunca o meu rosto, sou um espírito” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 105). Pita afirma ter ouvido essas frases em uma caverna na floresta, no alto do Monte Gwami, próxima à nascente do rio Wami, na Tanzânia. Segundo seu relato, essa fala dava abertura ao seu processo de iniciação espiritual e formação como curandeiro africano. Nessa ocasião, a voz que “parecia estar impregnada nas paredes, no teto e no chão daquela caverna” também teria lhe dito: “Vou ensinar-te todos os segredos da cura do corpo e da alma, de acordo com a tradição original, transmitida de geração em geração desde o princípio do mundo” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 103,105).

Segundo Pita, aquela caverna cheia de pinturas rupestres era uma espécie de sinagoga, um local de culto, portador de grandes segredos e espaço de encontro de todos os espíritos benignos do universo. O lugar, além de destinado ao aprendizado e à formação de curandeiros como sacerdotes das tradições religiosas ancestrais africanas, era também um verdadeiro museu, depositário de todas as memórias do mundo e das relíquias espirituais de todos os tempos. Ali estavam guardadas moedas antigas, instrumentos de origens e tempos diversos, sementes de plantas desaparecidas, panos, potes e pedras preciosas. Em suas palavras, tratava-se de um território sagrado, onde residia a “alma do mundo” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 104). Nesse espaço, segundo seu relato, Pita passou por uma experiência religiosa que lhe permitiu o acesso a um profundo e pouco acessível conhecimento espiritual da tradição ancestral africana.

De acordo com a sua narrativa, a voz do espírito ordenou-lhe em tom de comando paternal: “tudo o que aqui aprenderes, nunca deve ser escrito” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 106). Tratava-se de um preceito fundamental que, ao longo de séculos, escreveu continuamente a tradição religiosa ancestral africana numa espécie de livro sagrado da oralidade, acessível apenas aos curandeiros, espécie de sacerdotes eleitos, mediadores do sagrado e especialistas da magia. Em obediência a esse princípio espiritual, Pita submeteu-se às orientações recebidas e passou por um processo de iniciação e formação como um curandeiro africano que, de acordo com seu relato, durou três anos. Posteriormente, sem entrar em muitos detalhes, o curandeiro sintetizou essa experiência na caverna africana da seguinte forma:

*Aprendi muito sobre os espíritos, o corpo e a alma. Sobre a doença e a cura. Tive lições sobre os sons e os sentidos. Aprendi a interpretar a voz do vento e a voz do silêncio. Aprendi sobre pureza, bondade, sobre o combate à maldade. Tinha aula sobre os antepassados; os rituais. Tive muitas aulas sobre a natureza. Aprendi a cantar e a encantar os espíritos para chamá-los ao meu auxílio nos momentos de aflição. [...] Tive que memorizar os nomes das doenças, das plantas e das diferentes formas de cura. Tive que aprender a contemplação, meditação e a comunicação com vários elementos da natureza (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 106-107).*

E assim, Pita afirma ter vivido um período de aprendizado profundo dos segredos e fundamentos da tradição religiosa ancestral africana, apenas na companhia de um espírito, no interior de uma “sinagoga de vozes, sons e cantos” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 107). Ao final desse processo de formação, de acordo com o curandeiro, a voz do espírito declarou-lhe: “- Chegou a hora de ires enfrentar o teu destino. Aprendeste muito e estás apto a servir ao Grande Espírito” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 117). Antes de sair Pita ouviu, mais uma vez, de seu mestre espiritual a recomendação: “- Não escreve nunca, nada do que aprendeste nestes três anos. – Não, não escreverei – fiz a promessa - juro que o conhecimento adquirido será mantido na oralidade, segundo os desejos dos espíritos” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 117).

Apesar dessa declaração que, de alguma forma, enaltece a oralidade como guardiã das tradições sagradas africanas em detrimento da escrita, Pita resolveu colaborar na divulgação, em forma escrita, ao menos de parte de seus preceitos religiosos a partir do relato de sua experiência. Em cumprimento de sua promessa ao espírito, ele não escreveu nada, mas concedeu horas de entrevistas à escritora moçambicana Chiziane. O resultado dessas conversas foi materializado em um livro publicado em 2013, intitulado *Por quem vibram os tambores do além?*. Pita e Chiziane são registrados como coautores desse trabalho, embora a escrita propriamente dita tenha sido conduzida pela autora moçambicana a partir do relato oral do curandeiro. Mas por que Pita concordou em colaborar, de alguma forma, com o registro escrito de aspectos de sua tradição religiosa, antes estruturada apenas no livro sagrado da oralidade?

## DA ORALIDADE À ESCRITA: ENTRE VOZES E LETRAS

Em um texto intitulado *Tradição Viva*, Hampâté-Bâ reivindica o reconhecimento da oralidade como fonte fundamental de conhecimento do continente africano. A transmissão oral assume naquele território o status de materialização da força divina por gerar criação, movimento, vida e ação. E nesse sentido, o valor e o respeito pela palavra falada garantem a coesão social das comunidades. A oralidade tem o poder sagrado de criar e por isso é um instrumento poderoso da magia africana ao agir sobre os espíritos, conservando ou rompendo a harmonia do ser humano no mundo. Assim, nas tradições africanas, a oralidade possui um status sagrado por ser considerada um veículo de transmissão do

patrimônio religioso, presente nos ensinamentos herdados de pessoas idosas ou de ancestrais (HAMPÂTÉ-BÂ, 2010, p. 172- 174).

De acordo com o curandeiro Pita,

*Deus criou a memória e o homem inventou a escrita. Os espíritos confiam naquilo que Deus criou e não naquilo que a humanidade fez. [...] Escrever é divulgar. Um segredo, uma vez escrito, deixa de ser segredo. [...] Um livro contendo grandes segredos dos espíritos e de magia pode ser perigoso se cair nas mãos de pessoas não preparadas (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 122).*

É nesse sentido que podemos compreender a orientação espiritual recebida por Pita na caverna: nunca produzir registros escritos a respeito dos segredos da tradição religiosa africana. Somente os curandeiros foram preparados para atuar como especialistas da magia e, por meio de rituais, estabelecer comunicações e intercâmbios entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Como detentores dos saberes ancestrais, eles são guardiães das palavras secretas de encantamento, pelas quais interferem na realidade, por meio de rituais capazes de captar e dirigir a energia vital, convocando os espíritos ancestrais para o serviço de sua comunidade (MALANDRINO, 2010a, p. 101). Consciente de seu papel como guardião dos segredos do livro sagrado da oralidade africana, Pita considera que

*o conhecimento antigo está mais seguro num corpo vivo e em movimento do que numa biblioteca, onde pode ser queimado ou roubado. Na tradição oral, opta-se por uma biblioteca viva e em movimento. Portanto, tradição oral não significa o não conhecimento da escrita. Significa uma escolha de um sistema de transmissão de conhecimento a partir da natureza criada pelo Grande Espírito (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 122).*

O recurso à oralidade constitui-se, portanto, uma expressão de respeito e adesão a um preceito sagrado, a uma vontade divina. Por outro lado, sem abrir mão desse princípio, ao narrar sua experiência religiosa com o auxílio da escritora moçambicana Chiziane, Pita acaba transpondo da oralidade para a escrita alguns fundamentos de sua religião. Sua parceria com a autora lhe permitiu, por um lado, garantir a sobrevivência da oralidade como a biblioteca viva da tradição africana, ainda hoje ameaçada pelos efeitos do colonialismo. Por outro, pelas mãos de Chiziane, o curandeiro acabou indiretamente produzindo um registro escrito, voltado para a valorização dessa mesma tradição, revelando alguns elementos centrais do livro sagrado da oralidade africana. Sua motivação pode ser explicada por uma preocupação com uma possível ruptura da transmissão oral, decorrente da falta de “ouvidos dóceis” nas novas gerações de africanos, que abandonam suas tradições culturais seduzidas pelo modelo de educação escrita disseminado pelo poder colonial europeu (HAMPÂTÉ-BÂ, 2010, p. 2011).

Nas últimas décadas, é possível observar em Moçambique um processo de valorização e resgate das narrativas orais por escritores, críticos literários e historiadores que transpõem para a escrita um patrimônio cultural e religioso, antes veiculado apenas na memória oral coletiva daquela sociedade. Chiziane faz parte desse grupo de pessoas que busca resgatar a oralidade como uma forma de comunicar ao mundo que seu país tem a capacidade de contar a própria História e criar uma literatura própria e autônoma, expressando sua alteridade. Nesse movimento, marcado pela afirmação de uma literatura pós-colonial, questiona-se a visão preconceituosa de que as tradições africanas transmitidas pela oralidade são expressões de uma cultura primitiva a ser superada (LARA, 2015, p. 15). É nesse sentido que a aliança entre a voz e a letra, presente na parceria entre Pita e Chiziane, pode ser interpretada como um recurso voltado para a valorização e sobrevivência de um saber oral como resposta aos males do colonialismo.

#### O CORAÇÃO DA BANANEIRA: ENTRE *MAQUEIAS* E *NGOMAS*

No livro *Por quem vibram os tambores do além?*, Pita informa que foi seletivo em suas revelações, tendo preservado os segredos profundos dos espíritos (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 122). Por outro lado, ele resolveu colaborar com um registro escrito que permitiu o acesso a uma parte fundamental e significativa da tradição religiosa africana. O fio condutor de sua narrativa, extraída do livro sagrado da oralidade, é a força da ancestralidade africana presente em sua descoberta do mundo espiritual, em sua iniciação, formação e atuação como curandeiro. Em suas páginas, encontramos em suas experiências religiosas o relato de mitos, ritos, orações, cantos, revelações e profecias. O livro todo é concebido como inspiração do Ser Supremo, seu autor espiritual, que se desdobra e se manifesta por meio do culto aos antepassados e estabelece um paradigma totalmente diferente do modelo ocidental. Esse modo de crer, ver, pensar e viver é a estrutura das sociedades tradicionais africanas baseadas no canto, no toque dos tambores e na força da natureza (NGOMANE, 2013, p. 9-11).

No início do livro, Pita promove uma invocação aos espíritos como uma espécie de abertura de janela de acesso dos leitores ao conhecimento do mundo espiritual africano (NGOMANE, 2013, p. 9-11). Após proferir a frase: “Espíritos maus durmam. Espíritos bons levantem-se em meu auxílio” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 15), o curandeiro invoca o espírito de Vitória, sua falecida mãe, oferecendo-lhe em seu túmulo flores, farinha, água e uma “bebida dos espíritos” como alimento para sua alma. Em seguida, também são invocados outros espíritos como o do seu pai, também chamado Pita, o do Rei Mataka I e o de seu avô Julius Mtimule (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 15). Assim, por meio dessa espécie de consagração inicial aos seus espíritos ancestrais, o curandeiro abre o livro aos leitores, convidando-os a um mergulho no conhecimento das tradições religiosas africanas.

Ainda no início do livro, Pita também apresenta a seguinte letra de um canto que afirma ter aprendido com os espíritos em seu processo de iniciação.

*Sanguilô! É noite densa Abre os olhos e vê o que passa no coração da noite. Tens a certeza de que existe um nganga ou curandeiro ou espírito? Sanguilô, hoyaya, hoyaya! A erva, o sal dos montes, a areia, as raízes, as águas e todas as coisas Foram criadas por Deus para o conforto do mundo. Já viste um leão no hospital? A cura das doenças está na grande árvore, na pequena erva. Abre os olhos à luz que brilha no coração da noite! (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 17).*

*De acordo com Pita, o canto é apresentado como uma fonte de energia que pacifica, amacia a alma e faz o coração vibrar. Ele é usado para invocar os bons espíritos e promover a cura das doenças do corpo e da alma. Em seu processo de iniciação, o curandeiro afirma ter recebido aulas de canto de um espírito que entoava músicas durante as tardes na caverna, produzindo-lhe emoção e choro. Nessas ocasiões, ele também afirma ter ouvido a seguinte orientação espiritual:*

*Deves aprender a cantar – explicava-me a voz do espírito – os espíritos se fazem presentes num ambiente de voz e canto. O canto embala, tranquiliza, cura as dores do corpo e da alma. Enquanto trabalhares, canta. Une os doentes aos teus espíritos na melodia do teu canto (CHIZIANE; PITA, 2013, p.107).*

Ainda com destaque para a importância do canto, Pita explica os passos do processo de cura, principal ritual de sua tradição religiosa.

*Toca-se um batoque forte, canta-se bem, uma canção que agrada ao mesmo espírito. No canto, invoca-se o nome e o tipo de espírito. Então, ele virá. O doente entra em transe, levanta-se e dança. Lança um grito forte, liberta-se e fala. Diz todas as coisas que andavam escondidas no corpo. Em seguida, a pessoa cai e adormece sono profundo. Quando despertar, nem terá consciência daquilo que aconteceu, nem sequer do que disse na hora do transe. Os ajudantes é que irão dar notícias de tudo o que o espírito falou, se queria algum sacrifício ritual, se queria incenso. Depois disso, o tratamento é feito e o doente recupera a saúde (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 168).*

No caso do livro *Por quem vibram os tambores do além?*, ao recorrer àquele canto na abertura da publicação, Pita busca unir seus leitores aos espíritos, curando-lhes da cegueira espiritual, invocando os espíritos responsáveis por abrir-lhes “os olhos à luz que brilha no coração da noite!” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 17). O curandeiro tenta assim promover uma conscientização por meio de uma aproximação espiritual entre o mundo dos vivos, no caso o público leitor, e o mundo dos mortos, os espíritos. No caso de seus leitores africanos, conforme veremos



adiante, a cura almejada diz respeito aos males causados pelo colonialismo e suas heranças na sociedade moçambicana contemporânea.

Em todo caso, conforme o aprendizado adquirido na caverna africana, seu papel como curandeiro, de um modo geral, era agir como um mediador entre os dois universos e, sob a orientação dos espíritos, retirar da natureza criada por Deus os elementos capazes de curar os vivos. Nesse processo, Pita revela que a música e os tambores têm um papel fundamental, de modo que

*cada som, cada palavra destas cantigas toca-me o coração e ilumina-me os caminhos da cura. [...] a melodia cura as doenças do corpo e da alma. Todo curandeiro conhece as canções preferidas pelos seus espíritos. Conhece o toque do tambor que chama para a dança dos espíritos (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 17-18).*

De acordo com Alexandre Marcussi, historicamente, houve na África uma ampla difusão de um complexo ritual de caráter terapêutico chamado de *ngoma*, palavra que na origem significa tambor. Conhecido também como “culto de aflição”, o *ngoma* era um ritual caracterizado às vezes pela possessão espiritual dos sacerdotes que recebiam entidades espirituais em seus corpos. Nessa cerimônia, marcada pelo toque de tambores, músicas e danças, por meio da adivinhação eram produzidos diagnósticos a respeito de doenças consideradas físicas ou espirituais e, pela intervenção dos curandeiros ou líderes espirituais, buscava-se a cura (MARCUSSE, 2015, p. 32-33, 40-41).

Pita apresenta o tambor, em sua tradição religiosa, como um instrumento sagrado por excelência e por isso superior aos demais. Em suas palavras,

*nenhum instrumento musical tem tanto poder de invocação. [...] O som do tambor tem uma língua única. Uma força única. [...] Os pés são arrastados por uma força invisível ao encontro dessa voz da magia. Perante o toque do tambor, nenhum corpo resiste. Os corações vibram no mesmo compasso. [...] O som do tambor convida os mortos a juntarem-se aos vivos. Desperta os espíritos e chama-os ao convívio. Penetra no além e no coração do mundo. Por isso, para mim, o tambor só pode ter um nome: coração de Deus (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 20).*

Por meio do toque desse instrumento, os mortos são convidados a juntarem-se aos vivos, produzindo um encontro sagrado, conforme o desejo divino. Ou seja, ele é usado como elemento central do ritual de invocação dos espíritos. Como reis em seus tronos, os espíritos assentam no corpo dos curandeiros em uma cerimônia denominada *ngoma*, na qual o tambor é um instrumento do *religare* pois, segundo a tradição oral africana, ele conecta o mundo material ao mundo espiritual. Pelo seu toque sagrado, produz-se a invocação dos espíritos ancestrais, muitas vezes seguida de transe, adivinhação (diagnóstico dos problemas) e cura das pessoas e comunidades. Por meio do tambor, os vivos e os mortos reúnem-se em rituais fundamentais como cura, nascimento, morte,

guerra ou festas. Em algumas regiões, os “curandeiros levam o nome de vangoma, sangoma, mungoma, designando a vibração dos espíritos ao toque de um tambor” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 20). Ou seja, nos próprios títulos atribuídos aos sacerdotes aparece embutido o nome *ngoma*, como um tambor-ritual composto por esses elementos inseparáveis e participantes de um mesmo processo espiritual.

Pita também apresenta ao leitor uma visão a respeito da estrutura da hierarquia religiosa na tradição africana. A posição mais elevada é ocupada por um Deus único, o “Grande Espírito” ou “Curandeiro Maior”, criador de todos os outros espíritos. A divindade suprema pode se manifestar “em forma de ventania, na imensidão do mar, no azul do céu, na terra que pisamos no capim, na árvore” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 21). De acordo com a tradição religiosa africana, o Ser Supremo e único sustenta a vida, ordena a dinâmica do universo e governa os seres humanos com inteligência, força e bondade. Mas apesar de todas essas características e desse poder, ele preferiu permanecer distante e distribuir a tarefa de administrar o mundo a outros que possam atuar mais de perto como seus representantes e auxiliares (ÉBOLI, 2010, p. 29, MALANDRINO, 2010a, p. 80, MUNANGA, 1996, p. 62).

Na hierarquia religiosa, segundo o relato de Pita, abaixo do Ser Supremo encontram-se seus ajudantes. Os primeiros deles seriam os Malaikas, espécie de anjos protetores responsáveis por guardar as pessoas e afastá-las de perigos. Esses primeiros colaboradores de Deus nunca habitaram o mundo material e não são reverenciados em altares. Em posição inferior aos Malaikas, estão os Espíritos, pessoas que já viveram nesse mundo e que regressam, em situações específicas, para prestar cuidados e soluções que garantam o bem-estar aos vivos (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 215).

Também chamados de ancestrais, esses colaboradores e representantes do Ser Supremo são cultuados como responsáveis pelo equilíbrio, coesão, solidariedade e estabilidade da comunidade (LOPES, 2008, p. 149-152). De acordo com o relato de Pita, na tradição ancestral africana “todos os espíritos são guiados pela onipotência e onipresença do Grande Espírito” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 32). Esses seres aparecem como verdadeiros elos intermediários entre a divindade e os seres humanos e agem em favor da cumplicidade entre mortos e vivos, quando devidamente acionados por curandeiros, em contextos rituais em que são invocados e recebem cultos e oferendas.

De acordo com Pita,

*Os espíritos da nossa terra são vozes poderosas que nos despertam e nos fazem percorrer todas as linhas do tempo. Eles gostam da serenidade e conversam com os curandeiros e espíritas na calada da noite. Aparecem no sono da madrugada. Aparecem também durante o dia nos momentos de pausa. A comunicação espiritual é importante para despertar a sociedade para uma nova consciência, cujo objetivo final é a pacificação do mundo (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 24).*

Em sua narrativa, o curandeiro registra um aspecto fundamental da tradição religiosa africana já apontado por Malandrino (2010 b, p. 56-57), a premissa de que o mundo visível e o mundo invisível estão ligados por um intercâmbio permanente, de modo que os espíritos, que podem ser malignos ou benignos, sempre interferem no mundo material, ou seja, no mundo dos vivos. Ainda de acordo com a autora,

*Os vivos e os mortos e os vivos entre si são unidos verticalmente e horizontalmente pela vida, realizando uma comunhão participante na mesma realidade que os solidariza. Com os antepassados, o ser humano está ligado vitalmente através da solidariedade vertical, originária, sagrada e constante; com os membros vivos do grupo ele está ligado pelo mesmo sangue, sendo esta ligação chamada de solidariedade horizontal (MALANDRINO, 2010 b, p. 57).*

Ao longo do livro, Pita relata muitas de suas comunicações com espíritos em momentos de perigos, ocasiões em que ele recebeu avisos e revelações oferecidas pelo mundo espiritual, como alertas para que ele pudesse salvar seu irmão, sua mãe ou a si mesmo de embarços causados por espíritos malignos. Dessa forma, por meio de relações verticais e horizontais, ele conseguia estreitar laços com sua comunidade e com o mundo espiritual. De acordo com o curandeiro, os espíritos são pessoas que viveram, mas já saíram desse mundo e mudaram a forma de existir, transformando-se em antepassados, enviados por Deus como protetores de suas famílias e comunidades. Eles devem ser lembrados em cultos coletivos ou individuais, nos quais por meio da possessão, assentam-se no corpo dos curandeiros e assim comem, bebem, dançam, cantam, fumam e comunicam-se verbalmente com seus parentes vivos. Nessas ocasiões, em retribuição às oferendas recebidas, promovem o bem-estar e a saúde de suas famílias e ainda, chuva, fertilidade da terra, bênçãos e farturas para suas comunidades. Como promotores da harmonia, não gostam de vinganças, mentiras, ambição nem inveja (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 196, 200-201).

De acordo com o relato de Pita, o ritual de invocação dos antepassados é chamado de *maqueia* e pode ser feito na beira do mar ou de um rio, aos pés de uma árvore, na base de um monte ou mesmo em um quarto destinado aos espíritos. Por meio dessa cerimônia, os espíritos bons são invocados às vezes por meio de incensos, oferendas de bebidas, farinhas, sangue de animais e, outras vezes apenas por meio de palavras. Na *maqueia*, ocorre a comunhão entre vivos e mortos com a finalidade de celebrar a vida, solucionar problemas e recordar antepassados (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 202-203).

Antes de prestar seus serviços como curandeiro, Pita afirma fazer a seguinte oração:

*Pepa Muzino Ukagone! Espíritos bons, meus espíritos, Deus, meu Grande Espírito, uni-vos todos e venham em meu auxílio. Sou apenas um servo para curar as dores do corpo e do espírito. Chamo agora a união de todos os espíritos de cura.*

*Dai força a esta pessoa e aumentem os seus dias de vida. Hoje recebi este doente, não sei por onde começar. Ajudai-me a dar o remédio certo a partir do dia de hoje. Tenho aqui a vossa farinha, incenso e rubani (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 203).*

Já em um segundo momento, ao administrar a cura propriamente dita, o curandeiro recita a prece transcrita abaixo:

*Deus, Curandeiro Maior, entrego estas raízes e estas ervas com o mesmo amor com que as criastes, para curar esta alma. Esta árvore e estas plantas não são minhas. Cresceram ao relento sem pai que lhes provesse o sustento e nem mãe para lhes cozinhar o alimento. Cresceram com a chuva que é a bênção dos céus. És tu o criador da água, da erva, das montanhas e de todas as coisas. Ajuda-me a usar os mesmos elementos na cura deste doente. Que os espíritos maus se afastem do seu caminho. Que a cura do doente não ultrapasse os sete dias. Que ele saia desta vida quando, no além, a sua morada estiver completa e não por forças malignas deste mundo (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 203-204).*

Segundo a tradição religiosa africana, todas as pessoas, desde o nascimento até a morte, são cercadas por grupos de espíritos, antepassados conhecidos ou não. Alguns deles permanecem ao nosso redor por toda a vida, outros apenas por um período de tempo. Enquanto alguns podem trazer proteção, outros ao contrário podem atrair azar. Somente o curandeiro é capaz de perceber, distinguir tais espíritos e se relacionar com eles em contextos e rituais adequados para cada caso. Muitas vezes, um espírito maligno pode tomar posse de um corpo. Trata-se de espíritos maus, causadores de desequilíbrios que podem desencadear doenças, loucura, destruição e morte (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 167,198). Segundo Pita,

*as pessoas recebem o espírito bom ou o espírito mau de acordo com o tipo de vida que é levado pela família [no presente] ou pelos seus antepassados. As pessoas de vida saudável, quando morrem, deixam bons espíritos e uma vida tranquila nas futuras gerações. Mas as pessoas que viveram à base de magias para conseguir poder e riqueza semearam maus espíritos que irão afetar os seus descendentes por muitas gerações. [...] O espírito mau também se apanha pela vida a fora (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 197).*

Muitas vezes, um espírito mau se apossa de um corpo em decorrência de um feitiço produzido contra determinada pessoa. Em outros casos, por ambição, muitos recorrem aos feiticeiros, capazes de provocar a morte de pessoas em busca de riquezas e poder, obtendo alguns resultados positivos rápidos, porém efêmeros e posteriormente destrutivos. Nessas situações, cabe ao curandeiro fazer guerra ao poder maligno do feiticeiro, desativando seus trabalhos, por meio de rituais específicos pelos quais os espíritos maus são invocados para revelar suas origens, quem os enviou e o que querem em termos de oferendas para abandonar os corpos atingi-

dos e prejudicados (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 32, 162-163, 167-168). Segundo Pita, é “importante recordar que o curandeiro foi criado por Deus para lutar contra o diabo, que é o feiticeiro e o espírito mau” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 23). Assim, na hierarquia religiosa, cujo topo é ocupado pela divindade única e suprema, abaixo dos Malaikas e dos espíritos ancestrais, encontram-se os curandeiros, pessoas eleitas e dotadas dos poderes dos espíritos enviados por Deus. Esses sacerdotes desempenham um papel chave nas comunidades. De acordo com Pita, suas ações são fundamentadas em preceitos divinos ditados pela pelo “Grande Espírito” ou “Curandeiro Maior”. Os curandeiros devem, assim, seguir à risca os seguintes dez mandamentos, destacados por Pita como os mais importantes no livro sagrado da oralidade africana:

*1. Respeito e obediência ao Grande Espírito. 2. Respeito à natureza. 3. Não invocar os espíritos em vão. 4. Pureza do corpo e da alma. 5. Mente iluminada. 6. Presença de espírito. 7. Auto-confiança. 8. Solidariedade. 9. Amor ao próximo. 10. Serenidade e silêncio (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 30-32).*

Os curandeiros devem, assim, obediência ao Grande Espírito e aos seus espíritos colaboradores. Como eleitos pelo Curandeiro Maior, precisam ter a mente iluminada, o corpo e a alma limpos, sustentando condutas sociais ilibadas, em constante solidariedade à dor daqueles que necessitam eliminar seus males físicos, mentais e espirituais. Sua posição na sociedade é de grande responsabilidade, como pode ser observado no mito intitulado *Chumba, coração da banana*, ouvido por Pita em sua infância, à volta da fogueira, da boca de sua mãe e de seus avós. De acordo com o relato do curandeiro,

*Quando a banana nasce, tem os olhos apontados para o céu, na prece divina. Passado uma semana, começa a pedir: Deus, quero olhar para o chão, para ver o que está debaixo da terra. Então, o coração da bananeira começa a vergar para o chão, vai descendo, descendo, até descobrir o segredo da terra. Passado pouco tempo, o coração da bananeira zanga-se com Deus e com a terra e então explode e exclama: Deus! Eu quando nasci, pedi pra te ver e estar contigo, mas lá em cima tem aquela luz enorme e eu não aguento. Pedi pra estar na terra, mas descobri que é um lugar muito sujo e cheira maldades. Já não aguento mais olhar para esta terra. Então, Deus disse: bananeira, querida bananeira! O teu corpo é leve, mas eu te darei o coração mais forte do mundo. Com o teu coração de banana hás de curar as doenças de todos os seres humanos na superfície da terra. A bananeira aceitou o seu destino. Por isso, apesar da fragilidade do corpo, ela tem espíritos poderosos e cura muitas doenças no coração do mundo (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 191).*

O mito revela assim a importância dos curandeiros como mediadores entre o mundo espiritual, representado pelo céu, e o mundo material, pela terra. Como figuras intermediárias, os curandeiros africanos foram capacitados espiritualmente para transitar entre esses dois universos com flexibilidade e ao mesmo tempo força.

Essa habilidade concedida por Deus a esses sacerdotes eleitos permite-lhes fazer a mediação necessária para garantir a cura dos seres humanos em suas comunidades, sempre auxiliados pelos espíritos que os acompanham. Assim como o tambor é o coração de Deus, o “coração” da bananeira é a parte dessa árvore que sustenta o cacho da fruta e representa a figura do curandeiro (*ngoma*) como mediador que promove o trânsito e a comunicação entre a luz do mundo espiritual e a as sujeiras e maldades do mundo físico, sempre em movimento, em busca de uma conexão harmônica, equilibrada, taumatúrgica e reparadora entre ambos os universos. Mas como instrumentalizar tudo isso quando o maior desafio do curandeiro é sarar as feridas e os males profundos de sua terra natal, causados pelo colonialismo? É o que veremos a seguir.

## A TRADIÇÃO COMO RESISTÊNCIA: QUANDO O MUNDO VIRAR

Com base em todas essas experiências, preceitos e fundamentos religiosos vistos até aqui, Pita denuncia os males herdados do colonialismo, ainda hoje sofridos pela sociedade moçambicana contemporânea. A partir de um diagnóstico crítico baseado nos saberes extraídos de sua tradição, o curandeiro propõe uma intervenção religiosa capaz de resistir, superar e curar os desequilíbrios e as doenças sociais de seu país e ainda promover a instauração futura da paz, da harmonia e da justiça social. Em diversas passagens do livro, Pita denuncia os efeitos perversos da colonização europeia em Moçambique e em todo o continente africano. Em suas palavras,

*Há muitos séculos, aqui em África, não havia hospitais nem religiões estrangeiras. Mas vivíamos bem. Éramos tão bons, tão fortes e saudáveis, porque a nossa cultura e a nossa medicina mantinha-nos muito robustos. Éramos nós, curandeiros, que ajudávamos a Deus a manter a saúde da África inteira [...]. Quando os europeus aqui chegaram, cobiçaram a nossa forma, a nossa inteligência e começaram a vender-nos como escravos, destruindo tudo o que encontraram. Não foram os europeus que criaram o remédio, foi Deus. Os medicamentos já existiam muito antes da chegada deles ao nosso continente (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 22).*

Dessa forma, o curandeiro denuncia o desequilíbrio e os prejuízos causados pela ação colonizadora portuguesa em uma população que antes vivia assentada em comunhão com Deus, de acordo com sua cultura. Ignorando, rejeitando ou combatendo essa experiência religiosa africana, o colonizador tentou impor àquela população a sua própria tradição religiosa. De acordo com Pita, o “mundo inteiro esforça-se por impedir-nos de ver Deus, com os olhos africanos. Todas as campanhas que se fazem contra o curandeiro são para nos obrigar a ver Deus com os olhos europeus, americanos ou de religiões asiáticas que invadem o mundo” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 22). Assim, o relato de Pita denuncia a violência imposta sobre sua tradição religiosa. Segundo o curandeiro,

*No tempo da colonização, o diabo tinha a cara de um negro. Hoje as coisas mudaram: neste país independente, o diabo tem a cara de um curandeiro. Trocaram os alvos, mas o processo é o mesmo: a destruição continua! O conhecimento milenar acumulado e conservado pelo curandeiro é considerado diabólico, sem se olhar o que tem de bom ou de mau, com o objetivo único de eliminar a tradição, a cultura e toda a sabedoria africana (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 22).*

Dessa forma, Pita questiona a hegemonia do sistema de pensamento ocidental, os efeitos perversos e racistas da colonização em suas formas de classificação e interpretação da tradição africana e de seus representantes, frequentemente considerando-os maléficos e demoníacos. Segundo Pita, quando invadiram e dominaram os territórios africanos, os colonizadores europeus deliberadamente referiam-se aos espíritos de pessoas negras como maléficos. Em suas palavras, “colocam-nos mais próximos do diabo do que de Deus. Quando a palavra espírito vem com as igrejas que dominam, colocam-se imagens de santos estrangeiros numa posição mais próxima de Deus do que do Diabo. Este é um erro de percepção que é preciso corrigir” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 24). Trata-se sem dúvida de uma denúncia de racismo religioso em que o colonizador tenta impor uma classificação na qual o universo espiritual sagrado aparece como um domínio superior e exclusivo dos brancos europeus de acordo com suas formas de revelação. Por outro lado, de modo complementar, as manifestações das tradições africanas negras são rotuladas como expressão de um universo profano, maléfico, demoníaco, atrasado e inferior. Essa classificação hierárquica serviu de instrumento de dominação nas mãos do colonizador.

Como decorrência desse racismo religioso colonizador, Pita denuncia um movimento corrente em seu país, em que muitas famílias afastam-se das tradições religiosas africanas e do culto aos seus antepassados por aderirem às igrejas estrangeiras onde esse discurso colonial ainda hoje é amplamente reproduzido. Mas, considerando que “o espírito é uma herança que não morre”, o curandeiro adverte que, em função do esquecimento, os antepassados podem se manifestar no corpo de algum parente vivo, reivindicando a atenção perdida. Assim, por ignorância de sua própria tradição e por medo, diante de alguma manifestação espiritual, as pessoas apressam-se em classificá-la, equivocadamente, como demoníaca ou expressão de feitiçaria. Nesse sentido, o curandeiro indaga-se: “Que família é essa, que recusa seus próprios antepassados e adota ingenuamente, deuses que nem são seus, só para agradar os amigos, os vizinhos e os estrangeiros?” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 205,209). De modo complementar, Pita também problematiza a questão:

*Que mundo é este, onde proibem os povos africanos de chamar Deus da sua própria cultura, só para ouvir a palavra de Deus, nas línguas estrangeiras? O que muitos não entendem ainda é que todas as religiões do mundo têm a mesma fé: quando uns dizem Deus, nós, curandeiros, também dizemos: Deus, o Grande Espírito e Curandeiro Maior! (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 23).*

- O curandeiro critica a intolerância religiosa e o exclusivismo e manifesta-se em favor do pluralismo e da diversidade. Segundo Pita, a violência colonial ainda hoje gera graves consequências em seu país. Nesse sentido, ele relata casos dos espíritos que voltaram para se vingar. É o caso de muitos daqueles que morreram em decorrência das guerras pela independência de Moçambique e continuaram a perambular pelo país. Revoltados, eles tentam retribuir com violência o sofrimento de suas mortes e, para tanto, provocam acidentes e desordens no trânsito em pontes e estradas (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 217). Nesse cenário, a desagregação da tradição religiosa africana contribuiria ainda mais para o agravamento do problema já que, a seu ver, o devido tratamento espiritual da situação muitas vezes não é adotado.
- Outro efeito do movimento de desvalorização e depreciação do patrimônio religioso africano ocorre pela usurpação do conhecimento dos curandeiros pela indústria farmacêutica estrangeira. Essas empresas retiram do país plantas e raízes tradicionais, produzindo medicamentos e lucros próprios sem o devido reconhecimento de seus saberes ancestrais. Nesse processo, instaura-se uma perseguição à medicina tradicional praticada pelos curandeiros, a partir de seus saberes espirituais transmitidos oralmente. Em seu lugar, tenta-se valorizar a medicina moderna, com medicamentos industrializados, fundamentada em um saber científico escrito, mas que muitas vezes foi enriquecida com a medicina tradicional sem reconhecer seu valor. De acordo com Pita, mesmo após a independência de Moçambique, trata-se da continuidade de uma ação colonizadora que tenta sobrepor uma medicina a outra, embora, no seu entendimento, elas possam ser complementares e não excludentes (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 176-178).
- Segundo Pita, por orientação divina, transmitida oralmente ao longo dos séculos, deve haver por parte dos curandeiros uma reverência profunda à natureza, considerada sagrada por fornecer a energia vital capaz de curar as pessoas de seus males, garantindo-lhes o bem-estar e a harmonia. Em suas palavras, como Curandeiro Maior, “Deus responde as preocupações dos seus filhos através dos remédios da natureza, que o representam” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 181). Em sua narrativa, o curandeiro denuncia o desrespeito profundo a esse preceito por meio dos processos de privatização de lugares sagrados, como as montanhas e nascentes de água. Alimentados pela ganância, os descendentes dos antigos colonizadores voltam a Moçambique, no período pós-independência, disfarçados de investidores e parceiros do desenvolvimento e do progresso do país. Mas na prática, atuam como novos colonizadores, explorando e extraindo riquezas para seus países de origem, privando o acesso dos curandeiros a tais locais onde estão os remédios mais raros e preciosos e, assim, reconstruindo um cenário em que provavelmente será preciso fazer uma nova libertação da pátria (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 189-190). Nesse sentido, a exploração comercial e predatória da natureza, em locais considerados sagrados pela tradição africana, constitui-se um ataque violento que também contribuiu para o desgaste e enfraquecimento de suas práticas religiosas.



Pita denuncia assim os efeitos nocivos da destruição da natureza em sua terra. Por um lado, ele nos informa que Deus criou a cura para todas as doenças, de modo que todos os remédios estão em tese disponíveis nas florestas, rios, montanhas e cachoeiras. Por outro, nos alerta que atualmente o acesso à cura está comprometido pela destruição do meio ambiente, pela matança de animais e pelas queimadas. Dessa forma, a atitude predatória do homem acaba por afastá-lo de Deus que está presente na natureza, sempre habitada por espíritos, carregada de alma e sentimento e, vingativa, quando ofendida (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 17-19,123-127). Em suas palavras, “a morte da natureza é a morte da África. [...] A morte das florestas é a morte dos espíritos. [...] A morte dos montes é a morte de Deus. [...] A morte do mar é a morte do mundo” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 232-234). Outro efeito danoso da colonização na sociedade moçambicana é o descrédito em relação ao papel e à ação dos curandeiros. Conforme explica Pita,

*Desde o princípio do mundo, os povos africanos conhecem Deus de acordo com sua cultura. [...] As línguas e as tradições africanas dignificam os curandeiros e os espíritos como pessoas possuídas pelos espíritos divinos, isto é, santos. As coisas mudam de sentido quando as palavras são traduzidas para línguas estrangeiras, que decidiram chamar os [...] curandeiros [como] sinônimo de charlatão, pervertendo assim todo o espiritismo africano (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 30).*

Como parte desse processo, Pita afirma que a perseguição aos curandeiros ocorreu de modo sistemático e perdurou mesmo após a independência. Conforme suas palavras,

*O combate ao curandeiro e à espiritualidade africana começa com a chegada da dominação colonial, que durou cerca de 500 anos. Nós, os curandeiros e espíritos, fomos o primeiro alvo a ser abatido porque detemos a alma do povo, que consiste em: religião africana, a medicina e a nossa cultura. Não conseguiram eliminar-nos. Depois, veio a independência, com a política de luta contra a superstição, obscurantismo e criação do homem novo, cujos efeitos se fazem sentir até hoje, através das atitudes das pessoas e instituições e diferentes grupos religiosos. Por essas razões, fizeram com que os curandeiros funcionassem muitas vezes secretamente, desordenadamente, o que facilitou a existência de burlas e charlatões (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 182).*

Após a independência de Moçambique em relação a Portugal, em 1974, o governo foi assumido pela FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique, que buscou implantar uma política socialista no país. Entre os desafios inerentes a essa nova administração, estava a necessidade de modernização, construção de uma identidade nacional, a formação de uma nova sociedade e de um novo homem (BORGES, 2001, p. 229-246). Nesse processo, em nome de uma perspectiva marxista, o governo passou a perseguir práticas religiosas consi-

deradas obscurantistas e supersticiosas, como exorcismos, cura de doenças e a veneração de espíritos ancestrais. Tudo isso em nome da adoção de uma perspectiva científica e materialista. Assim, a religião foi tratada como um ópio, uma alienação a ser superada, e um obstáculo à consolidação da verdadeira libertação do país e de sua transformação revolucionária. Nesse contexto, as práticas religiosas tradicionais africanas foram severamente combatidas e criticadas. Mas, apesar da repressão, elas não deixaram de existir e acabaram sobrevivendo na clandestinidade, situação que só começou a mudar a partir da década de 1990 (SILVA, 2017, p. 101-103, 110-113, 263). Os curandeiros, responsáveis pela medicina tradicional, foram classificados pelo governo socialista como desempregados e enviados para regiões remotas onde deviam exercer trabalhos forçados, não tendo seu ofício reconhecido pelo Estado (HONWANA, 2002, p. 170-172).

Esse cenário de perseguições dificultou o processo de formação adequada, afirmação e legitimidade de ação dos curandeiros em Moçambique, frequentemente confundidos, desde o período colonial até os dias de hoje, com feiticeiros, charlatões, vistos como pessoas diabólicas. Após sofrer 500 anos de colonização e poucas décadas de independência, conquistada em 1975, o país ainda não se recuperou das perseguições, conflitos e incompreensões, de modo que a “colonização mental é ainda forte nas pessoas” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 182-184). Todo esse longo e permanente processo de demonização das tradições religiosas africanas denunciado por Pita, em especial dos curandeiros e de suas práticas, nos remete à afirmação de Achille Mbembe, para quem “a colonização não parou de mentir sobre si mesma e sobre os outros” (MBEMBE, 2019, p. 84). Com base nesse diagnóstico e na denúncia dos efeitos perversos da ação colonizadora sobre sua tradição religiosa e sobre o seu país, Pita busca reverter essa situação, tentando encontrar uma solução a partir da releitura dessa mesma tradição. Esse é o sentido maior de sua colaboração com a produção do livro *Por quem vibram os tambores do além?*. Por esse motivo, ele narra sua própria história religiosa, relacionando sua formação e atuação como curandeiro a um processo amplo, e ainda em curso, de libertação e descolonização de Moçambique.

Pita nasceu em 1966, antes da independência de Moçambique ainda sob a dominação de Portugal, no Distrito de Mavago, Província do Niassa. Nesse mesmo ano, seu pai morreu assassinado pelas tropas dos colonizadores portugueses por sua atuação como guerrilheiro na luta pela libertação do país africano. Em sua infância, foi batizado por Julius Mutimule, seu avô materno, um conhecido vidente e peregrino cristão que andava com sua bíblia e predizia o futuro das pessoas. Aos seis anos de idade, Pita mudou-se com sua mãe cristã e seus irmãos para a Tanzânia, onde cresceu como um refugiado afastado de Moçambique e posteriormente formou-se como curandeiro (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 33-36). Só retornou para sua terra natal quando adulto, no ano 2000, após a independência e o fim de uma guerra civil que devastou o país e durou de 1977 até 1992. O retorno de Pita a Moçambique foi motivado por uma vi-

são espiritual em que lhe apareceu um homem sentado nas margens de um rio e lhe disse: “- Tu és neto do Mataka - disse o homem – O teu pai chama por ti em Moçambique” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 134-135). Por motivação espiritual, o curandeiro pode finalmente visitar o túmulo do seu pai onde fez oferendas de flores e incensos, pedindo a Deus por sua felicidade no outro mundo. Essa era uma forma de estar mais próximo de seus antepassados e conseguir melhor fortalecimento entre seus laços espirituais. Pita acreditava que, por estar antes distante de sua terra, estava também afastado da proteção de seus espíritos familiares e por isso mais propício a sofrer feitiços (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 147). Além disso, ele acreditava também que seu retorno a Moçambique era motivado por um chamado espiritual que “vinha do toque mágico dos tambores do além”, cumprindo o destino de se reencontrar com um irmão de seu pai, único parente ascendente ainda vivo e capaz de abrir-lhe as portas ao mundo dos seus antepassados e ainda entregar-lhe a alma de seu pai. Essa espécie de passagem de bastão foi celebrada em um ritual na presença do atual rei Mataka, sob o toque dos tambores, danças, sacrifício de cabras e galinhas e invocação do espírito do seu falecido pai guerrilheiro (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 150-151). Nessa ocasião, Pita ouviu do rei a seguinte explicação:

*A nossa terra é pobre [...] Tudo aqui está a ser reconstruído [...] [vivemos] guerras sem fim. Tudo começou com a opressão colonial que produziu a guerra de libertação. Depois veio a guerra civil, uma guerra de irmãos. Apesar de tanto sofrimento [...] estamos dispostos a reconstruir a vida. Somos um povo poderoso, forte. Somos protegidos pelo espírito do rei Mataka. Mataka é a memória coletiva. É espírito. É nosso antepassado comum. Bateu os portugueses aqui. Deixou em nós a tradição guerreira. [...] O seu espírito inspira-nos na luta pela liberdade (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 152).*

Agora, ao retornar para Moçambique, depois de ser iniciado e atuar como curandeiro na Tanzânia, era como se Pita completasse sua formação espiritual nesse ritual de encontro com seus antepassados, sobretudo com seu falecido pai. A partir daí, ele começou a prestar seus serviços espirituais em sua terra natal, oferecendo atendimentos para cura de pessoas marcadas pelos efeitos do colonialismo. Em 2012, Pita afirma ter recebido um importante comunicado do espírito do Rei Mataka I, governante falecido em 1912 e que lutou contra portugueses, holandeses, árabes e ingleses na província de Niassa, durante seu reinado. A referida mensagem espiritual foi completamente transcrita no livro *Por quem vibram os tambores do além?* a partir do relato de Pita. No texto, Mataka I apresenta-se como um guerreiro da liberdade e afirma que “os mortos nada são sem a força dos vivos e vice-versa” (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 25). Ele conta também que, décadas depois de sua morte, a luta dos guerrilheiros pela independência de Moçambique foi inspirada pela atuação de seu espírito. Agora, depois da independência do país e após o fim das

guerras civis, Mataka I oferecia aos moçambicanos uma nova ajuda espiritual para o enfrentamento de uma guerra que continua em curso naquele território. Segundo o relato de Pita, a mensagem do espírito do rei teria sido a seguinte:

*Já saí do mundo dos vivos e viajo como um espírito por toda a extensão do nosso território. Embora haja progressos, ainda existem muitos crimes e desgraças. Vejo com muita dor a desunião das famílias e a perda da identidade dos povos da África, por isso vos digo: Dou o poder do meu espírito para continuar a luta de libertação nacional que não terminou com a independência. Dou-vos o poder para lutar contra a pobreza das nossas mentes. Dou o meu espírito para lutar. Dou-vos poder para vencer. Dou-vos poder para curar as feridas da alma que se acumularam durante séculos de escravidão, colonialismo e todas as formas de exploração e repressão que se manifestam nos dias de hoje. Dou-vos o meu espírito de leão para vencer a batalha do pão e construir uma pátria de sabedoria, de harmonia e muita paz. Juntos, vivos e mortos, venceremos a recolonização de todos os povos da África. Que Deus vos abençoe! (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 25-26).*

A mensagem faz um diagnóstico dos problemas enfrentados por Moçambique em decorrência das guerras, do colonialismo e da escravidão de seu povo. Além disso, traz também um tom de encorajamento e fortalecimento espiritual para o enfrentamento de uma luta contínua pela libertação do país. A perda da identidade e a pobreza das mentes fazem parte de uma recolonização em curso, denunciada por Pita, ao longo do livro, em vários momentos de seu relato, como responsável por um processo de esfacelamento das tradições religiosas africanas.

Ao retornar à sua terra de origem em um contexto pós-colonial, em que a perseguição estatal aos cultos ancestrais chegou ao fim, Pita reivindica uma solução para o enfrentamento desses problemas. Sentindo-se capacitado e fortalecido espiritualmente por seus ancestrais, sobretudo pelos espíritos de seu pai e do Rei Mataka I, o curandeiro faz de sua experiência religiosa e do relato da mesma um grito de resistência e de luta pela valorização e visibilidade de sua tradição ancestral. Em seu entendimento, esse enfrentamento dos poderes coloniais passa por uma solução espiritual que só poderá ser alcançada por meio da dignificação da imagem e da voz dos curandeiros, que precisam ser valorizados como detentores de um saber taumáturgico e protagonistas de uma grande *maqueia* nacional, em ações voltadas para a cura da sociedade. Para tanto, Pita propõe a criação de escolas de medicina tradicional para que o patrimônio cultural e religioso, hoje disperso e fragmentado, não desapareça, mas seja sistematizado e direcionado para o bem-estar do país. De modo complementar, o curandeiro reivindica também a descolonização dos livros de referência como os dicionários, removendo suas expressões e definições racistas e seus vestígios colonialistas preconceituosos (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 186-187).

Na parte final de seu relato, Pita extrai ainda do livro sagrado da oralidade africana uma visão profética sobre o fim dos tempos. De acordo com o curandeiro, diante de tanta destruição da natureza

*Deus está zangado pela humanidade, pela incompetência demonstrada no governo da vida. E quando se zanga, pune todos os infratores, com dilúvios, vulcões, terremotos e calamidades que flagelam a terra inteira, que fazem desaparecer os túmulos das pessoas mais antigas do mundo. Desta vez, Deus não vai destruir completamente a vida que ele criou. [...] Ele só vai virar o mundo. As pessoas devem proteger o espírito dos antepassados [...] [que] ilumina todos os nossos passos, desde o passado ao presente. Cuidar deles é projetar a felicidade que virá no futuro breve, quando o mundo virar. Os africanos já não têm segurança em si próprios, distanciaram-se dos espíritos cada vez mais por isso e sofrerão um castigo maior quando o mundo virar (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 234).*

A virada prevista no livro sagrado da oralidade africana diz respeito a uma inversão de posição, na qual os animais dominarão o fogo, os armamentos e as pessoas. Nessa espécie de acerto de contas, os seres humanos ocuparão os espaços e funções antes destinados aos animais como carroças, galinheiros, churrasqueiras, pastos e etc. Após essa punição, finalmente surgirá um novo mundo de paz, onde os seres humanos serão felizes e livres, cheios de amor, sem preconceitos raciais, mas sem jamais ocuparem novamente a posição de governadores. Caberá às forças da natureza a administração do mundo (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 235-236).

De acordo com Pita,

*Nesse tempo, as vozes dos negros de África que partiram para a escravatura das Américas serão libertas e entoarão hinos à liberdade. [...] Nesse tempo, os homens terão mais respeito pelas mulheres e reconhecerão finalmente que foram os ventres delas que pariram a humanidade que brilha como estrelas do firmamento. [...] O sol e as estrelas serão gêmeos da noite e iluminarão as montanhas e todo o solo de Moçambique, onde repousam os restos mortais de [...] todos os heróis da libertação nacional, quando o mundo virar. Os espíritos bons da nossa terra viajarão por todo o universo. Nesse tempo, os santos das igrejas serão de todas as raças, todos os sexos e todos os continentes (CHIZIANTE; PITA, 2013, p. 236).*

A profecia transcrita no livro traz assim uma mensagem de esperança, de construção de um mundo descolonizado, livre de injustiças, preconceitos, racismo, desigualdades e da intolerância religiosa. Nessa terra sem males, os africanos não serão mais excluídos dos espaços sagrados e suas tradições serão valorizadas por meio de uma descolonização de suas experiências religiosas. Nesse processo, os curandeiros, como os “corações de bananeira”, terão um papel fundamental. Haverá uma grande *maqueia* nacional e, por meio do canto e do toque de tambores, eles invocarão os espíritos dos grandes libertadores do país como Eduardo Mondlane, Samora Machel, Achivánjila, Emília Daússe, entre outros. Pita propõe que se dirija a seguinte oração a esses heróis e heroínas nacionais que se sacrificaram pela liberdade nação: “a vida que vivemos hoje foi graças ao vosso sangue; espalhai sobre nós o/a força do vosso espírito

e ajudai-nos a preservar esta vida, para que não haja mais guerras, e possamos construir uma geração saudável no futuro” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 220). Após o sono profundo (transe), a reconciliação com sua ancestralidade e os devidos sacrifícios e oferendas, o poder maligno imposto pelo “feitiço da colonização” será destruído. Assim, Moçambique finalmente alcançará a cura e viverá um tempo de paz, harmonia, bem-estar, liberdade e justiça social.

Essa profecia, assim como os mitos, orações e revelações que compõem a narrativa de Pita, ganha credibilidade por ser extraída do livro da oralidade sagrada. Nesse sentido, em *Por quem vibram os tambores do além?*, esse saber autorizado amparado da oralidade reivindica para si um status de verdade revelada, assentado em uma inspiração de origem divina, capaz de orientar comportamentos, estabelecer significados religiosos e sentidos existenciais (VASCONCELOS, 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um cenário contemporâneo complexo em que as religiões tradicionais em Moçambique sofrem ataques, esquecimentos e desvalorização, Pita produz, com o auxílio de Paulina Chiziane, um documento escrito da tradição oral africana. Esse registro é uma expressão potente de denúncia e resistência literária e religiosa contra os males e feridas abertas pela colonização no país e ainda hoje não cicatrizadas. Os relatos de Pita são parte significativa de seus esforços em favor da valorização das religiões ancestrais africanas e do combate à perda de identidade cultural de seu país. Em sua narrativa, posicionando-se criticamente e defendendo mudanças em sua sociedade a partir de sua religião, o curandeiro propõe aquilo que Mbembe (2013) chamou de resistência ao colonialismo e às suas sobrevivências contemporâneas, por meio de releituras da religião ancestral nas sociedades africanas pós-coloniais. Certamente, trata-se de uma tentativa de reler o passado colonial e denunciar a persistência de seus males no presente, como o racismo religioso, a intolerância religiosa, o preconceito, a destruição da natureza, a perda da identidade cultural, entre outros.

Essas releituras das tradições ancestrais nas sociedades africanas contemporâneas são mobilizadas por “um processo de resistência que envolve relações de saber-poder-creer-narrar, antes silenciadas e/ou ocultadas pela epistemologia eurocêntrica, mas agora visibilizadas pelos estudos pós-coloniais” (DAIBERT JR, 2021, p. 19). De acordo com Achille Mbembe, nesse cenário comum a diversas sociedades pós-coloniais africanas, as tradições ancestrais passam a ser acionadas como um saber próprio que permite a elaboração de novas interpretações do passado e do presente e ainda a proposição de instrumentos de ação. Como resposta às antigas imposições colonizadoras que almejavam um regime único e excludente de verdade, busca-se afirmar experiências religiosas plurais e diferenciadas (MBEMBE, 2013, p. 56). Nesse sentido, Pita assume o status de narrador-testemunha do processo de colonização do qual foi vítima, propondo ao mesmo tempo sua releitura como expressão de denúncia das perdas impostas pela violência colonial sobre sua tradição religiosa e sobre o seu país. Assim,

em um segundo momento, seria possível superá-las e libertar a sociedade por meio de uma reorientação espiritual africana da qual ele mesmo, como curandeiro, é um dos principais protagonistas.

A colaboração do curandeiro na produção de um registro escrito da tradição religiosa africana não fere, de forma alguma, os preceitos do livro sagrado da oralidade. Em relação a esse ponto, ele afirma que “podemos saber quais são os componentes de um comprimido, mas não é divulgada a forma como é produzido” (CHIZIANE; PITA, 2013, p. 122). Em sua narrativa, conforme vimos, conhecemos algumas orações, cantos, rituais, invocações, mensagem de espírito, mito, profecias e outros elementos que podem ser considerados “componentes do medicamento” destinado à cura. Sua “forma de produção”, no entanto, continua mantida em segredo na oralidade, no interior das “sinagogas-cavernas”, com o auxílio dos antepassados, nas mãos de muitos “Pitas”, “corações de bananeiras” eleitos pelo “Grande Espírito” como seus grandes protagonistas. Afinal de contas, a pergunta que dá título à publicação, *Por quem vibram os tambores do além?*, é assim respondida logo na epígrafe, nas primeiras páginas do livro: “Por nós curandeiros africanos que por Deus seremos libertados.” Por isso, eles podem alimentar a esperança profética de que, através da união espiritual entre os vivos e seus heróis nacionais ancestrais, a cura chegará à sua terra por meio de uma grande *maqueia*, quando “mundo virar”, conforme o som do coração do “Curandeiro Maior”, sob o toque dos *ngomas*.

*THE SACRED BOOK OF ORALITY IN THE VOICE OF AN AFRICAN HEALER:  
LITERATURE AND RESISTANCE*

*Abstract: The article aims to analyze the narrative of the African healer Rasta Samuel Pita recorded in the book “Por quem vibram os tambores do além?”, in partnership with the Mozambican writer Paulina Chiziane. At first, his vision is presented regarding the main characteristics of the African religious tradition, with emphasis on its spiritual hierarchy, songs, prayers, myths, rites and revelations. Next, we seek to relate these elements of the healer’s narrative to his effort to denounce the evils of colonialism that still persist in contemporary society in Mozambique, such as religious racism, religious intolerance, prejudice, the destruction of nature, and the loss of cultural identity. Finally, we interpret the healer’s narrative as an expression of religious and literary resistance to the process of degradation of his religious tradition, through a re-reading of the sacred book of African orality, based on the profetical hope for the transformation of the world.*

*Keywords: African religious tradition. Colonialism. Resistance.*

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Jan. *Religion y memoria cultural*. Buenos Aires: Libros de la Araucaria, 2008.

- BORGES, Edson. A política cultural em Moçambique após a independência (1975-1982). In: FRY, Peter. *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2001, p. 225-247.
- CHIZIANE, Paulina; PITA, Rasta Samuel. *Por quem vibram os tambores do além?* Maputo: Indico, 2013.
- DAIBERT JR., Robert. Eu chamo de outra maneira: a vingança das religiões ancestrais na África Insubmissa de Achille Mbembe. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 24, n.1, p. 7-22, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/34286> Acesso em: 04 Nov. 2022, 18:30h.
- ÉBOLI, Luciana Morteo. *Memória e tradição nos dramas de São Tomé e Príncipe e Angola: os teatros de Fernando de Macedo e José Mena Abrantes*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (coord.). *História geral da África: volume 1: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- HONWANA, Alcinda M. *Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Promédia, 2002.
- LARA, Eli Mendes. *Oralidades moçambicanas em Balada de Amor ao Vento*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MALANDRINO, Brígida Carla. *Há sempre confiança de se estará ligado a alguém: dimensões utópicas das expressões da religiosidade bantú no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010a.
- MALANDRINO, Brígida Carla. Os mortos estão vivos: a interferência dos defuntos na vida familiar segundo a tradição bantu. *Último Andar*, v.19, p. 53-65, jul-dez, 2010b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13305> Acesso em: 25 Out. 2022. 17:13h
- MARCUSSI, Alexandre. *Cativeiro e cura: experiências religiosas da escravidão atlântica nos calundus de Luzia Pinta (séculos XVII-XVIII)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- MBEMBE, Achille. *África Insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Luanda: Edições Mulembo, 2013.
- MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019.



MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista da USP*, São Paulo, n. 28, p. 56-63, dez. 1995-fev.1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364> Acesso em: 09 Jan. 2023. 15:13h.

NGOMANE, Nataniel. Poucas palavras. *In: CHIZIANE, Paulina; PITA, Rasta Samuel. Por quem vibram os tambores do além?* Maputo: Indico, 2013, p. 9-11.

SILVA, Cristiane Nascimento. *Viver a fé em Moçambique: as relações entre a FRELIMO e as confissões religiosas (1962-1982)*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

VASCONCELOS, Pedro Lima. Livros sagrados. *In: USARSKI, Frank; PASSOS, João Décio; TEIXEIRA, Alfredo (orgs.) Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, Loyola, Paulus, 2022, p. 616-625.